

CAROLINA SCOZ
CLÁUDIA ANTONELLI

NO CALOR DAS COISAS

Crônicas psicanalíticas



tao
□ □

Carolina Scoz | Cláudia Antonelli

NO CALOR DAS COISAS

– CRÔNICAS PSICANALÍTICAS –

No calor das coisas: crônicas psicanalíticas
© 2023 Carolina Scoz e Cláudia Antonelli
TAO Editora

Publisher Edgard Blücher
Editores Eduardo Blücher e Jonas Eliakim
Coordenação editorial Andressa Lira
Produção editorial Helena Miranda
Preparação de texto Ana Lúcia dos Santos
Revisão de texto Maurício Katayama
Diagramação Negrito Produção Editorial
Capa Laércio Flenic
Imagem da capa iStockphoto



Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
contato@taoeditora.com.br
www.taoeditora.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, julho
de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios, sem autorização
escrita da Editora.

Scoz, Carolina.
No calor das coisas : crônicas psicanalíticas
/ Carolina Scoz, Cláudia Antonelli. – São
Paulo : Tao, 2023.
216 p.

Bibliografia
ISBN 978-65-89913-26-9

1. Crônicas brasileiras 2. Psicanálise -
Crônicas I. Título II. Antonelli, Cláudia.

23-2360 CDD B869.3

Todos os direitos reservados pela Tao
Editora.

Índices para catálogo sistemático:
1. Crônicas brasileiras

Conteúdo

Em vez de prefácio, um convite – <i>Cordelia Schmidt-Hellerau</i>	13
Testemunha – <i>Carolina Scoz</i>	19
Admirável mundo novo – <i>Cláudia Antonelli</i>	23
Canção do amor imprevisto – <i>Carolina Scoz</i>	27
Amor, diplomacia e terror – <i>Cláudia Antonelli</i>	31
Inimigos – <i>Carolina Scoz</i>	35
O Expresso Oriente – <i>Cláudia Antonelli</i>	39
Trompas de Falópio – <i>Carolina Scoz</i>	43
Entre quatro paredes – <i>Cláudia Antonelli</i>	47
Uma furtiva lágrima – <i>Carolina Scoz</i>	51
A dor mais profunda é a sua – <i>Cláudia Antonelli</i>	57
A Terra Prometida – <i>Carolina Scoz</i>	63
A loucura nossa de cada dia – <i>Cláudia Antonelli</i>	67
<i>Tagliare i panni addosso</i> – <i>Carolina Scoz</i>	69
A história afetiva dos ingleses – <i>Cláudia Antonelli</i>	73
Esses decrepitos muito sensíveis – <i>Carolina Scoz</i>	77
<i>Selfies e estrelas</i> – <i>Cláudia Antonelli</i>	81
Nossa primeira salvação – <i>Carolina Scoz</i>	85

A terceira margem do rio – <i>Cláudia Antonelli</i>	89
Ênfase – <i>Carolina Scoz</i>	93
A voz de Amy – <i>Cláudia Antonelli</i>	99
De perto – <i>Carolina Scoz</i>	105
Azul impermeável – <i>Cláudia Antonelli</i>	109
Ruminar – <i>Carolina Scoz</i>	113
Uma filigrana de açúcar – <i>Cláudia Antonelli</i>	117
Ouvir – <i>Carolina Scoz</i>	121
Dentro e fora do tempo – <i>Cláudia Antonelli</i>	125
Aquecer o ausente – <i>Carolina Scoz</i>	129
<i>New York, New York</i> – <i>Cláudia Antonelli</i>	135
Alma – <i>Carolina Scoz</i>	139
O que não fizemos – <i>Cláudia Antonelli</i>	145
Antes – <i>Carolina Scoz</i>	149
O Papai Noel, o coelho da Páscoa e a Mega-Sena da Virada – <i>Cláudia Antonelli</i>	153
Inventário de palavras – <i>Carolina Scoz</i>	157
Um conto de amor – <i>Cláudia Antonelli</i>	163
A estupidez vista de fora – <i>Carolina Scoz</i>	167
O relógio – ou o azul dos seus olhos – <i>Cláudia Antonelli</i>	173
Des-esperar – <i>Carolina Scoz</i>	177
Um mar de coisas – <i>Cláudia Antonelli</i>	181
Léxicos amorosos – <i>Carolina Scoz</i>	185
É para lá que eu vou – <i>Cláudia Antonelli</i>	189

Novas safras – <i>Carolina Scoz</i>	193
Das palavras – <i>Cláudia Antonelli</i>	197
Coração inteligente: um posfácio interminável – <i>Diana Lichtenstein Corso</i>	201
Sobre as autoras	215

Em vez de prefácio, um convite

CORDELIA SCHMIDT-HELLERAU

Todos esses cafés pelo mundo... Aqui na Cidade Velha, espremido num canto entre dois edifícios antigos, está, há muito tempo, o Café Chronos. Levemente inclinadas sob o desgaste do tempo, as paredes abraçam um pequeno terraço recolhido, com mesas, cadeiras e dois ombrelones, que balançam à suave brisa da manhã. Existe, ainda, para as horas de vento ou frio, uma sala fechada, repleta de mesas redondas e poltronas confortáveis. O aroma morno da confeitaria adentra pela porta de trás. *Cappuccino* e *croissant*, ou chá com *madeleines* de Proust. O porta-jornais está quase vazio, pois os exemplares foram para as mesas, nas quais os clientes leem as últimas atualizações sobre fatos locais, política, esportes ou artes. Assim, logo cedo, ninguém tem muita vontade de falar. Somente se ouve o som da colher na xícara, das páginas folheadas ou de moedas deixadas sobre a mesa de mármore, na saída do cliente.

Mais tarde, no meio da manhã, amigos se reúnem para compartilhar assuntos. Ao meio-dia, uma pequena seleção de pratos é servida: sanduíche de peru, salada *niçoise*, sopa do dia. Os colegas discutem acontecimentos, entregam-se a fofocas, relaxam. À tarde, avozinhas se misturam aos estudantes, turistas examinam guias enquanto alongam as pernas. Quando o sol se põe, *prosecco* e nozes, ou Campari e azeitonas com amêndoas, substituem café e bolo, chá e biscoitos. O Café Chronos fecha às oito da noite.

Gosto de ir a cafés. Faço isso desde que era uma jovem estudante. Geralmente, sozinha. Um café me proporciona esse momento de descanso, que não encontraria em casa, onde as tarefas

parecem sempre me esperar. Sento-me, olho em volta e detenho-me no que me ocupa a mente. Estou ali sem propósito. Vez ou outra, também me encontro com amigos para uma breve conversa. Parece um pouco como um tempo roubado, algo extra. Dedicamo-nos a uma breve conversa sobre a vida um do outro. Na maioria das vezes, a verdade é que permaneço sozinha, entre clientes tranquilos – um café é meu repouso; permite-me ser uma pessoa sem rumo, aleatória, discreta, indetectável. Nele, nascem as ideias.

No mundo islâmico, os primeiros cafés foram abertos nos séculos xv e xvi, em Damasco, Meca e Istambul. As pessoas iam até lá, tomavam algo e conversavam, jogavam jogos de tabuleiro, ouviam histórias e música, discutiam política. Por oferecerem a chance de falas livres, tais lugares foram chamados de “escolas de sabedoria”, suspeitosamente rotulados, pelos imãs e sultões, como potenciais ambientes para reuniões subversivas. Na Europa, as primeiras cafeterias apareceram no século xvii. No ano de 1632, em Livorno; em 1650, em Oxford; 1672, em Paris; e 1685, em Viena. É interessante que os cafés tenham ganhado força na época em que a assim denominada clareza do iluminismo difundiu sua mensagem libertária, sem precedentes: “Pare de correr, sente-se, atreva-se, diga o que pensa”.

Já estive em alguns dos mais antigos cafés do mundo: Café de Flore, em Paris (desde 1887), Café Central, em Viena (1876), *Caffè Florian*, em Veneza (1720), *Caffè Greco*, em Roma (1760), Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro (1894), Café Tortoni, em Buenos Aires (1858). Para evitar turistas, como eu, as primeiras horas da manhã, justamente quando o café abre, são as melhores. Enquanto tudo ainda está relativamente quieto, sonho com os escritores e músicos famosos, com os artistas e filósofos que ali estiveram ao longo dos séculos – sentados onde agora estou, sozinhos ou com outros, em pensamentos ou conversas.

Assim, talvez um dia – digo no ano de 1893 –, Sigmund Freud se encontrasse no Café Central de Viena. Todo perdido em cogitações

sobre sua paciente Anna O. e os debates a respeito dela que vinha tendo com o colega Josef Breuer, ele saboreava um charuto, enquanto observava afundar a filigrana de açúcar, lentamente, na espuma de seu café com leite. Quando os últimos cristais de açúcar houvessem desaparecido, algumas das palavras de Anna O., sobre as quais Freud refletia há algum tempo, convergiriam de maneira nova e bastante interessante... “É o que ela tenta me dizer”, pensou.

A importância da livre associação, então, ocorreu-lhe. Trata-se dessa cadeia de pensamentos, aparentemente aleatórios, que conduzem os indivíduos por caminhos serpenteantes, em direção às cavernas secretas do inconsciente. Basta ouvir, imaginar, seguir, combinar. E o que era verdade para Anna O. se aplicaria a todos. Obviamente, também para ele! Que fascinante! Uma descoberta psicanalítica crucial! Freud mergulharia a colher em seu café com leite muitas outras vezes, com zelo.

Os psicanalistas sabem das dificuldades de seus pacientes em associar livremente. Muitos dos pensamentos que cruzam as nossas mentes são estranhamente mal recebidos e, logo, esquecidos. Ainda assim, associamos o tempo todo. Desse modo, aprendemos, lembramo-nos e estamos no mundo: fazemos sentido de algo novo ao assimilá-lo a algo familiar. Isso acontece sem que nos esforcemos. Estamos conscientes dessas transformações, embora de modo parcial. De maneira inconsciente, sonhamos com tais conexões misteriosas. Figuras da escuridão. Agora, entendemos. Será que entendemos? A compreensão leva tempo. Mas será que ainda resta tempo numa vida como essa que levamos?

A Itália é conhecida por seus excelentes cafés. Você entra, vai até o balcão, paga por seu pedido e recebe um bom *espresso*. Ainda há cadeiras, geralmente tomadas pelos idosos, acostumados a sentar-se e observar as pessoas. Os clientes mais jovens, contudo, apressam-se e nem se preocupam em tirar seus casacos. Tomam sua dose de cafeína; raramente trocam palavras com os atendentes; e vão embora. Cafés são para pessoas de passagem. Estão ocupadas.

A vida é uma corrida. Não há tempo para reflexão. Será que ainda conseguimos ir mais devagar?

Como tem sido extensamente discutido, o ritmo de mudança em nossa cultura se acelerou. Os avanços tecnológicos estão se avolumando. Eles transformam nossas aspirações, transcendem os limites de nossa imaginação, complexificam e confinam nossas comunicações mais rapidamente do que o esperado; tornam-nos impacientes. As conexões de internet em banda larga de alta velocidade lançaram suas amplas redes ao redor do mundo, e, com um clique, podemos saber e dizer tudo, além de estar em diversos lugares, com inúmeras pessoas, ao mesmo tempo.

É fácil verificarmos as notificações apenas rolando a tela abaixo... Mas ainda temos fôlego? Os cafés tornaram-se estações de carregamento para nossos aparelhos; o wi-fi é gratuito. Em silêncio, os clientes sentam-se em longas filas à frente de seus laptops ou debruçados sobre seus smartphones. Suas associações são impulsionadas por algoritmos. Eles usam as mesmas *hashtags*. Tomam café, ou chá, em copos térmicos de papel. Uma nova comunidade se formou. Os clientes de hoje se conhecem pelo que fazem. Se têm um problema com seu dispositivo, alguém ao lado há de ajudar, alguém estenderá o cabo elétrico. Tudo isso pode parecer diferente – e, ainda assim, é como sempre foi: o café é o lugar certo para se ir. As pessoas entram, instalam-se por horas, não podem e não querem fazer isso em casa. Suas novas formas de pensar e de ser criativas exigem o café. O horário de fechar foi empurrado para as 23 horas.

Agora, imaginem um sábado de manhã, em Campinas. Sonhemos aqui, juntos, de olhos abertos. Estive passeando pelas ruas, curiosa sobre o que poderia ver. Peço ao taxista que me leve a um tal shopping conhecido por seus frondosos jardins internos, repletos de pássaros. Intrigada, entro para conhecer o lugar e logo encontro o Café Malabarista. Olho à minha volta. Todas as mesas estão ocupadas. Ali, parada, sem saber o que fazer, vejo uma

cadeira livre, numa mesa em que duas mulheres tomam café. Será que trabalham num sábado à tarde? Noto um bloco de papel sobre a mesa e um notebook semiaberto. Elas parecem captar minha hesitação e fazem um gesto para eu me juntar a elas. “Posso?”. Como elas acenam com a cabeça e sorriem, fico tranquila em aceitar o convite.

Logo descubro: elas são Cláudia Antonelli e Carolina Scoz, psicanalistas e escritoras. Estão ali para falar sobre o livro que lançarão em breve. Do que se trata? De uma coleção das crônicas que elas vêm publicando, em jornal, há alguns anos. E sobre o que são as narrativas? “De tudo um pouco”, diz Cláudia. “Obras que lemos, filmes que vemos, acontecimentos dos quais as pessoas nos falam, experiências que vivemos”. “Sempre o que surge de situações cotidianas”, explica Carolina, “traduzimos, na escrita, o que nos comove ou provoca...” Cláudia acrescenta: “São, talvez, ensaios sobre a vida e a morte...”. “No calor das coisas”, dizem as duas, ao mesmo tempo. Engraçado pronunciarem isso juntas, numa cafeteria ao ar livre, tão próximas às coisas vivas que são mesmo o alimento da literatura. “E quem é você?”, pergunta Cláudia para mim.

“Também sou psicanalista e escritora”, respondo. “Moro em Boston. Neste momento, sou uma hóspede em Campinas. O que mais? Gosto de inventar histórias como esta, de preferência em cafeterias, ampliando o que me vem à mente – um pouco como fiz em minhas análises, e, provavelmente, como vocês o fazem em suas crônicas. É um prazer conhecê-las. Fico feliz que falem inglês, pois não falo português. Obrigada por me terem convidado!”

Continuamos a prosa, mesmo depois que o café se fecha, mesmo depois que voltei a Boston, e mesmo apesar de vivermos em continentes diferentes. Agora, reunimo-nos em nosso Café Internet global, no qual Cláudia e Carolina me convidaram para escrever estas poucas linhas: não é um prefácio, mas um convite para sua mesa, em seu Café virtual, no qual elas se debruçam sobre os eventos do dia a dia, associando, expandindo, ficcionalizando.

Este é um convite para o livro delas, um chamado à reflexão. É por isso que estou aqui. Havia esse Café Malabarista no caminho. Eu poderia ter passado por ele, mas, devido a um capricho, acabei decidindo parar. Estou feliz por tê-lo feito.

Testemunha

CAROLINA SCOZ

Você conta, desde o início da mensagem, que é uma leitora assídua deste jornal – páginas matinais que chegam à porta, enroladas sob elástico, num contorcionismo que apenas nos permite ler a manchete, quase nunca uma notícia encorajadora, naqueles minutos brumosos junto à primeira xícara de café (voltamos dos sonhos noturnos há pouco – seguimos num estado delicado quando o cotidiano ressurge).

Cita textos escritos há bastante tempo, alguns já esquecidos nas gavetas desordenadas de minha própria memória. Diz que a comoveram – sim, é certo, ou não se lembraria. Estariam perdidos, feito poeira suspensa no ar. Sua carta era grande demais, porém, para uma leitora intencionada a elogiar. Os muitos parágrafos anunciavam que você explicaria algo. “Vivi um amor que ninguém conheceu. Guardei comigo esse segredo. Agora que tenho 86 anos, preciso falar antes.” Antes de quê? Antes de se esquecer? Antes de hesitar? Antes de morrer? Antes que todas as lembranças afetivas desapareçam para sempre junto à matéria esvanecida, fazendo de nós aquilo que Margaret Atwood chamou, numa dura poesia, de “um corpo desencantado e nada mais”?

Imagino que você possa sentir aquele mesmo desejo narcísico dos escritores: garantir que alguém testemunhe. Abrir os diários empoeirados que registraram viagens a confins sem nome. Não levar consigo um esplendor que, silenciado, apagar-se-á para sempre. Tornar uma experiência partilhável com quem a possa acolher, sem

juzá-la desvairada, nociva ou corriqueira. Ir embora deste mundo sabendo que suas palavras continuarão a ressoar.

Aliás, essa mesma poeta canadense acaba de finalizar um livro que somente poderá ser lido daqui a um século. A ousada ideia é a seguinte: cem escritores colaborarão, cada qual com um texto, e todos esses volumes permanecerão guardados numa cápsula do tempo, preservada em Oslo, na Noruega. “É uma espécie de *A Bela Adormecida* – os textos vão cochilar por cem anos e, então, despertarão, num retorno à vida”, disse Margaret Atwood ao entregar os originais de seu livro a quem fechou a grande caixa, dentro da qual repousarão, até que um editor (ainda por nascer!) venha a reabri-la. Pena... morrerei sem comprar meu exemplar de *Scribbler Moon* (algo como “Lua Escrevedora”), curiosa obra destinada a ser futuramente tocada pelas mãos do primeiro leitor, num tempo longínquo para o autor. Será algo que nunca se viu: um livro que voou por cima de duas gerações para alcançar humanos ainda nem concebidos. Quem sabe os filhos de meus filhos desejem ler a publicação adiada dessa autora, que, como eu, não estará aqui? E, quem sabe, porque vai se aproximando o inelutável começo de sua ausência, é que a alma tanto essa aventura literária profundamente esperançosa? Um ato de fé: acreditar que existirá alguém capaz de recolher nossas palavras, e aninhá-las no colo manso, e salvá-las do fim.

Por alguma razão, você decidiu confessar a mim, essa desconhecida, algo calado durante muitos anos: você foi uma mulher que viveu uma relação impossível e, por isso, invisível a todos. Somente você, e mais ninguém, consegue recordar essa novela encenada no imenso palco de sua mente, lugar onde a censura – para a nossa sorte – não é a mesma força desmancha-prazeres que age sobre nossos atos públicos. “Achariam que sou louca se eu falasse dessas coisas!”.

Jorge Luis Borges – suponho – não a acusaria de loucura. Diz ele: “Como pude não perceber que a eternidade é um artifício esplêndido que nos liberta, nem que seja fugazmente, da intolerável opressão do sucessivo?”. Você não suportou viver sob a “opressão

do sucessivo”. Seu olhar alcançou uma vida extraordinária, lá adiante, num tempo mítico. Se entendi, reencontraram-se poucas vezes. Você fez sua família aqui; ele a fez longe. Trocaram correspondências – não sei quantas, suponho que muitas, já que você fala de uma “relação epistolar”. Renunciaram ao caso explícito, mas vejo que algo resistiu.

Ele a inspirou, encorajou e celebrou suas alegrias. Ele foi o primeiro a festejar, com você, todos os seus aniversários. Ele a convidou para dançar, ele a colocou para dormir. Bastava fechar os olhos para, num átimo, refazer o abraço silente, e entrelaçar as pernas distantes, e beijar o rosto adorado que fervilhava de êxtase. Décadas de solidão acompanhada: veja a rebeldia geográfica e temporal que cometeram; ele lá, você aqui. Cada qual num lugar do mundo, paralisaram o relógio naquele instante da paixão que todos desejamos eternizar. Um artifício esplêndido que a mente humana oferece a nós, seres que gozam (e, também, padecem) daquilo que fantasiam.

Nada sei além do que você contou na única mensagem que me enviou. Os psicanalistas não são acostumados a conclusões rápidas, a diagnósticos imediatos. De nossa afeição pela vagareza, Nelson Rodrigues debochava: “Não há no enfarte a paciência das neuroses”. Um cardiologista luta contra os minutos que correm entre um obstáculo súbito na coronária e o colapso dos órgãos vitais. Sem que o sangue volte a rapidamente fluir pela imensa teia de capilares, vasos e artérias, as células morrem sufocadas. Nós, atrás de divãs, não lutamos contra o tempo, contra o passado, contra o sofrimento. Escutamos a narrativa do paciente e buscamos expandir os capítulos que ele, solitariamente, escreveu. Ao longo dos meses ou anos de relação, os personagens e acontecimentos nunca serão os mesmos e, em vez de romances, ou tragédias, ou comédias de erros, surgem histórias que nem são possíveis de classificar porque cada página ainda há de ser reescrita infinitas vezes. Se essa autobiografia impublicável não chega a um ponto final, é porque uma testemunha permanece a ouvi-la.

Contaste bem pouco desse seu antigo segredo, mas desconfio que ele cansou de viver numa caixa trancada.

Admirável mundo novo

CLÁUDIA ANTONELLI

Não é o mundo do qual nos falou Aldous Huxley em seu livro publicado em 1932, que previa, em forma de ficção, como seria a vida em 2540. Dentre outras elucubrações, surgiam o desenvolvimento da tecnologia reprodutiva e a manipulação da espécie humana sob diversas formas. O escritor acertou tudo, com exceção da data – afinal, esses fatos já estão aqui entre nós, quase quinhentos anos antes.

No entanto, esta crônica não trata do mundo de Huxley, mas do nosso mesmo, de agora: 2020. Enquanto eu caminhava pela via Norte-Sul, num domingo pela manhã, observava os estabelecimentos fechados, margeando-a. Aliás, não apenas fechados: tinham um claro ar de abandono. Foi quando uma dúvida me tomou: estão assim porque é domingo ou porque não abrem mais as portas, quebrados pela pandemia? A sensação foi distópica. Exatamente como nos filmes futuristas de ficção científica, não identifico, de imediato, o que ocorre ali.

Às vezes, a realidade é dura demais para ser enxergada. Não era o sol alto e forte daquela manhã que me ofuscava, mas ela mesma, a realidade. As pessoas caminhavam, assim como eu, com aparente disposição, enquanto dávamos passos apressados numa avenida ao mesmo tempo esvaziada e preenchida: de vento, asfalto e das motos estridentes que rasgavam o silêncio a todo momento.

A cada pessoa que cruzava o caminho, a mesma pergunta me ocorria: será que a reconheço, por baixo da máscara? O rosto pela metade escondido, óculos escuros, uma ou outra com a viseira por

cima de tudo. Algumas com cachorros, outras ouvindo música, falando energeticamente com alguém ao lado através dos tecidos, papéis ou outros materiais que cobriam os narizes, bocas e, por vezes, os olhos. Algumas sorriam – eu tinha a impressão; em outras, raras, o rosto surgia, descoberto.

Mais que uma, para minha surpresa, não corrigia a rota de colisão de sentido contrário ao meu, na qual vinham a passos basculantes – via-me obrigada a dar um rápido salto ao lado e pisar na grama, para que ela só coubesse na passarela de cimento, o que, em melhores circunstâncias, exigiria somente meio passo de cada uma, para o lado, e permaneceríamos ambas na tal passarela.

Voltei a pensar no futuro. Como será, de fato, o nosso? Já percebi que projeções extremas, tanto de tempo quanto de imaginação, não costumam dar certo. Huxley, que projetou para 608 anos adiante do seu, lançou para muito longe e errou no tempo. Os *Jetsons*, aquele desenho da família espacial do início dos anos 1960, também arremessou um pouco alto demais: ainda não temos carros voadores neste século XXI, tampouco cidades inteiras suspensas no espaço (ainda que já haja plataformas de trabalho astrofísico). Acertou em cheio, contudo, na transmissão via imagem – a tal videochamada –, que parecia tão futurista e encantadora à época e, hoje, parece-nos bastante rotineira; tem até quem, nesta pandemia, nem agente mais *lives* ou reuniões via Zoom.

Mas e o nosso futuro, então? Soa-me curioso escutar quem ache que, “após a pandemia”, mudaremos significativamente. Logo no início, entusiastas se apressaram em produzir belos vídeos às vezes também um pouco futuristas, difundidos pelas redes sociais, veiculando que “o mundo não seria mais o mesmo”. Decerto, não, uma vez que muitos morreram e sofreram neste capítulo da história; mas já sabemos que não haverá um após muito modificado. Sim, um tempo, espera-se, com menos sofrimento causado pelos vírus (no plural). Sabemos também, agora, que sempre houve e haverá outros. A vida continua, mais ou menos tal qual é.

As coisas e as pessoas mobilizam nossas angústias, e, mesmo sabendo que não são somente nossas, individuais, é difícil compreendê-las. A pessoa que vem marchando em sentido contrário nesta via, sem esboçar o menor movimento para compartilhar o espaço comigo em rumo oposto, me preocupa.

Às vezes, gosto de pensar no futuro, mas confesso que me importam menos atualmente as ideias e imagens *high-tech* – sem desmerecer sua importância – do que saber se haverá espaço para o outro humano. Ou seja, haverá humanidade num futuro nem tão distante? Haverá natureza, chãos de terra, praias de areias e águas limpas, alimento que erradique a fome, escolas de paredes sólidas e playgrounds para as crianças brincarem e sonharem com os *seus* futuros? Isto sim. Com suas mentes nutridas e pensantes, poderão deusas voar.

Um verdadeiro e admirável mundo novo.

Canção do amor imprevisto

CAROLINA SCOZ

Tomas não estava em busca de romance algum quando subiu no trem, em Praga, rumo a uma pequena cidade da Boêmia, a uns 200 quilômetros. Tampouco ao pedir um conhaque à moça do bar, antes de caminhar ao hotel. A tarde estava fria. Ele, cansado. O lugar era ruidoso e simplório. Quem sabe desejasse algo distante naquele dia banal, algo que o dever aborrecido o forçara a deixar: seu imperturbável apartamento para onde voltava todas as noites ao sair da ala cirúrgica.

Sem a disposição de espírito que poderíamos chamar de expectativa ou, ao menos, de branda esperança, foi surpreendido pela discreta beleza da garçonete que o serviu. Parecia diferente das mulheres voluptuosas que Tomas levava para casa, variando-as sob a “regra de três”: encontrar uma fêmea por, no máximo, três noites próximas e, então, desaparecer para sempre; ou vê-la durante uns poucos anos, mas com a condição de esperar que transcorressem ao menos três semanas entre um encontro e o seguinte. Tal método era necessário, explicava Tomas aos colegas, para que o sexo não fosse entendido como vínculo. Equacionar relações tão distintas fazia com que a leveza da amizade erótica cedesse à voracidade do amor. Onde há amor, impõem-se exigências intermináveis às quais o homem tentará “quixotesicamente” atender. Todos os dias, novos favores, esforços e concessões. Renunciar a vontades, refrear espontaneidades. Ser quem ela precisa que ele seja. Tudo isso para logo descobrir que fracassou – o muito que fez ainda foi pouco.

Encenar novamente a trama conjugal não era algo que suportasse imaginar. Por isso, jamais dormia aninhado a uma mulher: antes da meia-noite, levava-a embora de seu apartamento. Não consentia a entrega feminina ao sono exausto após o intenso deleite carnal. E não acenava para qualquer espécie de futuro; no melhor dos casos, umas poucas horas adicionais de excitação mútua entre pernas enlaçadas – se ele voltasse a querer. Ou nunca mais. Os anos de múltiplos casos e, sobretudo, o amargor de seu casamento precipitado ensinaram-no a desconfiar das mulheres. Sentia medo delas. Bastava um pouco a mais de ternura, e lá vinham, arditamente capazes de ocupar o território alheio e dominá-lo, como um exército inimigo que avança, sorrateiro, na escuridão noturna.

No dia seguinte, sentados num banco amarelo da praça central, Tomas e Tereza conversaram até minutos antes de o trem voltar a Praga. Ela tinha os cabelos presos com fivelas e usava um vestido estampado de florezinhas, quase infantil. Uma jovem absorta em deveres monotonamente distribuídos pelos dias – foi o que pareceu. Por alguma razão indecifrável, Tomas entregou-lhe um cartão com seus telefone e endereço, surpreendendo-se com a própria reação. “Falava num tom cortês e Tereza sentiu sua alma projetar-se por todas as veias, todos os vasos capilares e todos os poros, para ser vista por ele”. Não imaginava que a encontraria em breve, febril, batendo à sua porta. E que a deixaria ficar.

“Ele sentiu então um inexplicável amor por essa moça que mal conhecia. Tinha a impressão de que se tratava de um bebê que fora deixado numa cesta, untada com resina e abandonada sobre as águas de um rio, para que ele a recolhesse na margem da sua cama”, narra Milan Kundera em *A insustentável leveza do ser*. Um bebê numa cesta é inofensivo – nada impõe ou ameaça; apenas existe inocentemente, adormecido pelo balanço das águas. Morrerá se não estendermos os braços para alcançá-lo, seja por covardia, seja por frieza.

Desconhecemos o que Tomas possa ter sentido por Tereza, sobretudo porque é um desses personagens calados que tentamos enxergar agarrando-nos às descrições e impressões de um narrador intrigado. “Há muitos anos penso em Tomas. Mas foi sob a luz destas reflexões que o vi claramente pela primeira vez. Eu o vi de pé, diante de uma janela de seu apartamento, os olhos fixos na parede defronte, do outro lado do pátio, sem saber o que fazer.” Mas o fato é que Tomas não a fez ir. Com isso, terá aquietado em si próprio a luta permanente contra os riscos imponderáveis do amor? É possível.

De qualquer modo, não seria esse o único encontro fortuito que acabou por reescrever o destino. Uma das histórias mais conhecidas da literatura mundial – *As mil e uma noites* – conta a saga do califa Shahriyar, iniciada na descoberta da infidelidade de sua esposa, que secretamente era amante de um escravo do palácio, até conhecer Sherazade, condenada a ser mais uma virgem entregue ao monarca para satisfazê-lo por uma única noite e, logo ao amanhecer, ser executada. Eram seus atos insaciáveis de revanche: estuprar e assassinar. No leito matrimonial, suas aflitas vítimas tornavam-se objetos descartáveis: nada além de corpos apavorados, para uso efêmero. Não restaria chance de ser traído novamente – não por uma mulher. Se adiou o sacrifício de Sherazade, foi porque as histórias que ela contava o envolviam num manto reconfortante de palavras. Queria ouvir a continuação no dia seguinte. Como acabar de vez com aquele sussurrar que acalmava sua ira vingativa e fazia-o dormir, levado por sonhos? Ele a mataria, como a todas as mulheres que possuiu à força. Não supunha que desejaria mais uma noite, e depois mais outra – “mil e uma” –, o que é uma poética forma de dizer “para sempre”. Observa Kundera: “Para que um amor seja inesquecível, é preciso que os acasos se juntem desde o primeiro instante, como os passarinhos sobre os ombros de São Francisco de Assis.”

Em todos os lugares do mundo, a todo instante, revoluções íntimas acontecem. Mario Quintana, aqui perto de nós, teve essa

sorte. Ou quis essa sorte? Para alguém, surgida por acaso – num bar, num banco de praça ou num devaneio insone, não importa –, escreveu “Canção do amor imprevisto”.

Eu sou um homem fechado.
O mundo me tornou egoísta e mau.
E a minha poesia é um vício triste,
Desesperado e solitário
Que eu faço tudo por abafar.
Mas tu apareceste com a tua boca fresca de madrugada,
Com o teu passo leve,
Com esses teus cabelos...
E o homem taciturno ficou imóvel, sem compreender nada, numa alegria atônita...
A súbita, a dolorosa alegria de um espantinho inútil
Onde viessem pousar os passarinhos.

É seu aniversário, meu amigo. Não desejo “toda a felicidade do mundo” a você, nem depois que a vida o surpreendeu com aquela desilusão. Desejo-lhe mesmo é a sorte do amor imprevisto, esse abrupto e invisível milagre que já salvou tantos.

Das artes, a literatura é a mais próxima da psicanálise. O trabalho do psicanalista se assemelha ao do escritor. Transforma em narrativa coerente os relatos confusos e amorfos, encharcados de angústia, que o analisando traz ao divã.

Talvez por isso mesmo, não são poucos os analistas que escrevem. Eles o fazem não só para fixar em palavras o tumulto contínuo do acontecer psíquico, mas também para exprimir a criatividade, sempre convocada no trato do inconsciente – o seu próprio e o de seus analisandos –, que inevitavelmente segue por rotas próprias e originais, não aquelas vigentes no mundo da consciência, da lógica racional.

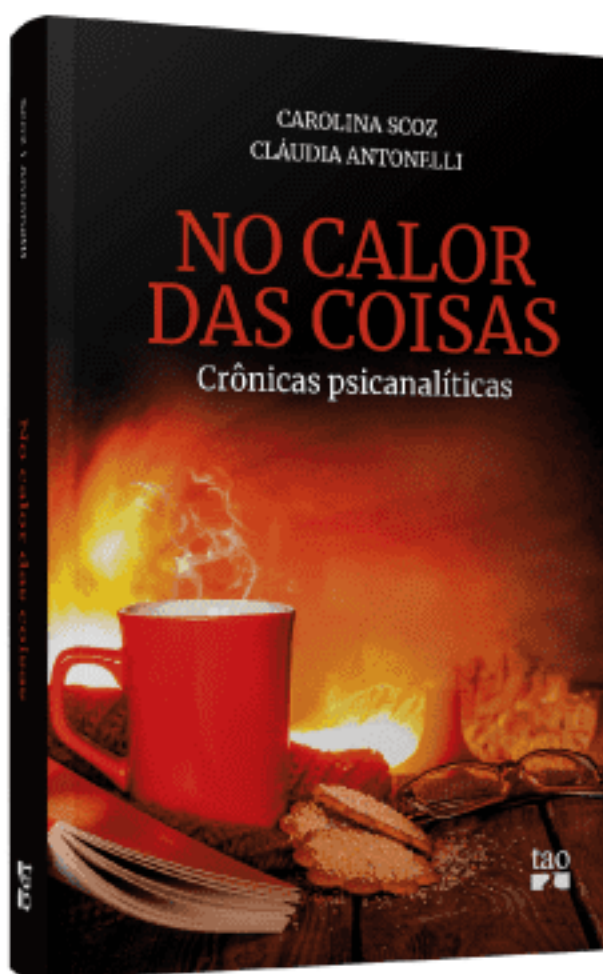
Carolina Scoz e Cláudia Antonelli se inscrevem nessa longa e respeitável tradição dos analistas escritores. Essas evocativas “crônicas psicanalíticas”, que versam temas variados – amor, morte, acaso, tempo, infância, memórias, encontros e desencontros, reflexões sobre leituras –, pressupõem a incidência do inconsciente, essa dimensão do psiquismo, descoberta por Freud, que mudou de uma vez por todas a maneira como o homem concebia a si mesmo.

Sérgio Telles



www.taoeditora.com.br

tao

Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

No calor das coisas

Crônicas psicanalíticas

Carolina Scoz, Cláudia Antonelli

ISBN: 9786589913269

Páginas: 216

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
